

# **O RESGATE DO CRIACIONISMO**

**Uma publicação da**



**Associação Brasileira  
de Pesquisa da  
Criação**

## **Prefácio**

"O RESGATE DO CRIACIONISMO" é um projeto da ABPC - Associação Brasileira de Pesquisa da Criação, um dos braços do movimento criacionista no Brasil. Seu objetivo é esclarecer a mídia e a sociedade, principalmente cientistas, professores de todos os níveis e intelectuais acerca da verdadeira natureza do criacionismo.

É comum vermos referências ao criacionismo como um braço da religião. Professores universitários, cientistas em geral, quase sempre referem-se ao criacionismo como sendo uma estrutura dogmática, em oposição ao evolucionismo, sempre considerado como ciência pura em seus múltiplos aspectos. Fica aqui, portanto, se você pensa dessa forma, o desafio para ler este documento do princípio ao fim. Temos certeza de que você vai se surpreender com as colocações que aqui apresentamos a esse respeito.

Este projeto ainda será apresentado nos seguintes três formatos:

- (1) Texto, favorecendo pessoas com deficiência auditiva;
- (2) Áudio, favorecendo pessoas com deficiência visual; e
- (3) Vídeos.

Não há, da parte da ABPC, nenhuma intenção de captação de recursos com este projeto. Por este motivo, esperando contar com sua colaboração no sentido de ter este material distribuído em sua região a professores do primeiro e do segundo grau, bem como a professores universitários, cedemos nossos direitos autorais e autorizamos a duplicação deste material em qualquer dos três formatos, inclusive para impressão em jornais e revistas, exposição em sites e veiculação através de emails na internet, desde que isso seja realizado na íntegra e gratuitamente. Fica vetada a distribuição de capítulos isolados deste material.

Para saber se o download nos formatos áudio e vídeo já se encontra disponível, envie um email para [abpc@impacto.org](mailto:abpc@impacto.org). No corpo da mensagem, coloque nome completo, cidade e endereço de email. Em subject ou assunto, coloque a palavra "Resgate – Formatos Especiais". Nós, então, entraremos em contato para lhe dar todas as informações a esse respeito.

Esperamos que você tenha bons momentos de apreciação do nosso projeto, com suas dúvidas a respeito do criacionismo plenamente resolvidas.



**Christiano P. da Silva Neto**  
Presidente da ABPC  
Associação Brasileira de Pesquisa da Criação  
[abpc@impacto.org](mailto:abpc@impacto.org)

Belo Horizonte, 28 de dezembro de 2015.

## Índice

<b>Bloco 1.....</b>	<b>4</b>
<b>O que é o criacionismo? E quem são os criacionistas?</b>	
<b>Bloco 2.....</b>	<b>7</b>
<b>A mídia sempre se refere ao criacionismo como sendo uma doutrina religiosa. O que há de verdade nisso?</b>	
<b>Bloco 3.....</b>	<b>10</b>
<b>O que é a Ciência? Em que ela se fundamenta?</b>	
<b>Bloco 4.....</b>	<b>13</b>
<b>Nesse caso, podemos definir o criacionismo de modo mais objetivo? E o evolucionismo?</b>	
<b>Bloco 5.....</b>	<b>16</b>
<b>Que evidências da natureza, então, podemos apresentar da existência de um agente externo ao universo?</b>	
<b>Bloco 6.....</b>	<b>19</b>
<b>E sobre a origem da vida? O que podemos dizer?</b>	
<b>Bloco 7.....</b>	<b>22</b>
<b>E sobre a origem das espécies? Não temos, aqui, um momento mais favorável aos evolucionistas?</b>	
<b>Bloco 8.....</b>	<b>27</b>
<b>Mais concretamente, como podemos mostrar que evolucionistas se afastam da Ciência na apresentação de suas teses?</b>	
<b>Bloco 9.....</b>	<b>31</b>
<b>Qual a relação entre o criacionismo e a fé cristã?</b>	
<b>Bloco 10.....</b>	<b>34</b>
<b>Conclusão e epílogo</b>	

## Bloco 1

Estamos dando início a esta série sobre as nossas origens, mais precisamente, sobre a polêmica criação x evolução, sobre o criacionismo e o evolucionismo. Não é nosso objetivo, aqui, abordar extensamente o conteúdo criacionista, mas sim discutir o criacionismo como estrutura de pensamento, como estrutura filosófica. Parte desse conteúdo, entretanto, deverá se fazer presente na medida em que se mostrar necessário para ilustrar nossos pontos de vista.

Recentemente, por causa de um projeto no congresso para que o criacionismo seja ensinado nas escolas públicas de todo o país, a Biomédica Helena Nader, presidente da SBPC, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, entidade que congrega os cientistas brasileiros, veio a público dizer que a organização estava entrando com uma moção para que o referido projeto fosse arquivado. Segundo ela, o ensino do criacionismo iria prejudicar o entendimento dos alunos no que diz respeito à Ciência e seus métodos.

Veja alguns de seus pronunciamentos:

***“O criacionismo não é uma teoria científica, não satisfaz a condição essencial de poder ser testada, refutada, confrontada com a realidade por meio de observações e experiências, de tal modo que se possa verificar se suas afirmações são conforme aos fatos.”***

***“Os argumentos criacionistas são baseados em crenças acerca de uma entidade de fora do mundo natural. Não pode ser investigado pela ciência, que somente investiga os fenômenos que ocorrem naturalmente.”***

Nesta mesma oportunidade, ela também declarou:

***“O criacionismo é uma crença, que envolve valores éticos e morais. É uma visão de mundo. Não é ciência, não pode ser testado, refutado ou comprovado.”***

É nosso objetivo, então, examinar esses conceitos, essas estruturas denominadas criacionismo e evolucionismo, para sabermos se fazem sentido as colocações da presidente da SBPC. Em geral, vemos pronunciamentos de cientistas classificando o evolucionismo como ciência da mais alta qualidade e o criacionismo como a expressão de um pensamento apenas religioso.

Será que é isso mesmo? Começamos, portanto, uma incursão em busca dessas respostas e, mais do que isso, em busca da verdade sobre as nossas origens. Vamos à primeira pergunta:

### **Bloco 1a - O que é o criacionismo? E quem são os criacionistas?**

Vamos começar pela segunda pergunta: quem são os criacionistas? Resumidamente, criacionista é qualquer pessoa que, por força de suas convicções, em geral, religiosas, mas que também podem ser meramente ideológicas, aceita a ideia da existência de um Ser superior, externo ao universo, e que seria a origem, não só do universo como um todo, mas de cada uma de suas partes, em parti-

cular, do nosso planeta, dos seres vivos, vegetais e animais, incluindo os seres humanos. Nesse sentido, o criacionismo é uma estrutura de pensamento que abriga toda e qualquer pessoa que se considere criacionista nos termos acima definidos.

No Brasil, presumidamente, os criacionistas são, em sua maior parte, cristãos das várias correntes aqui representadas: evangélicos, católicos, e demais grupos considerados cristãos. Entretanto, um criacionista não é, necessariamente, um cristão. Há seguidores de outras religiões que também são criacionistas, por exemplo, os muçulmanos que creem em Alá como o Criador.

Neste trabalho, entretanto, reservaremos o termo "criacionismo" como identificação do movimento que teve início na primeira metade do século passado, quando cientistas cristãos se reuniram em uma primeira associação criacionista com o objetivo de investigar cientificamente as origens do universo e da vida. Aqui, a palavra "criacionista" também estará reservada aos integrantes desse movimento.

Com o tempo, surgiram outras organizações criacionistas, primeiro nos Estados Unidos, depois em outros países, de modo que, hoje, este movimento encontra-se espalhado praticamente por todos os lados. A ABPC - Associação Brasileira de Pesquisa da Criação é uma das vertentes do criacionismo no Brasil.

Em outras palavras, a intenção desses cientistas era produzir uma ciência das origens de boa qualidade, isenta de definições e conceitos que não espelham a realidade da natureza. Sua intenção era conduzir esse trabalho debaixo do mais rígido padrão de investigação científica, ainda que eventos e fatos ocorridos no passado, como as nossas origens, não permitam esse alcance em toda a sua plenitude.

Por exemplo, ao nos depararmos com o fóssil de um animal que não existe mais em nossos dias, podemos analisar sua morfologia e concluir, entre outras características, se era bípede ou quadrúpede ou tinha qualquer outra forma de movimentação; observando sua dentição, se era carnívoro, herbívoro ou onívoro, se era mamífero ou não; poderíamos até mesmo conduzir alguns exames laboratoriais com seus ossos e descobrir algumas de suas características não visíveis a olho nu.

Entretanto, a menos que tivéssemos alguns restos de alimentação em sua boca ou na região do estômago, talvez não pudéssemos dizer de que ele se alimentava e, muito menos, qual a sua espécie preferida como alimento. Seu tempo médio de vida talvez fosse outra incógnita além dos nossos esforços científicos.

A questão é que, quando se fala no debate CRIAÇÃO X EVOLUÇÃO, muitos inclinam-se a entender isso como RELIGIÃO X CIÊNCIA. O conceito de que ambas são incompatíveis tem sido amplamente apregoado, desde os tempos de Copérnico. Ainda hoje, para a maioria dos cientistas, criacionismo é sinônimo de religião, e religião é algo completamente anti-científico e fora da realidade. Este pensamento os tem mantido alheios e omissos no que diz respeito a examinar e até mesmo tomar conhecimento do que se desenvolve nessa área. Várias críticas têm sido levantadas no sentido de minimizar e ridicularizar o movimento criacionista.

Temos, até aqui, experimentado o ensino unilateral do evolucionismo. O resultado tem sido uma geração de jovens que não aprendeu a pensar, expostos a um ABC evolucionista que não deixa margens para discussão. As informações são sempre taxativas e não admitem questionamentos.

Foi considerando todas essas possibilidades e limitações que aqueles primeiros cientistas fundadores do criacionismo se propuseram a investigar as nossas origens e é exatamente isso que têm perseguido os legítimos herdeiros deste movimento. Repudiamos, portanto, todas as insinuações da mídia e dos cientistas evolucionistas de que, conforme disse a presidente da SBPC, o criacionismo seja uma crença baseada em dogmas religiosos. Vamos mostrar que esta ideia é completamente equivocada.

Fique conosco nesta série porque você certamente vai se surpreender com a realidade dos fatos acerca do criacionismo e do evolucionismo.

## Bloco 2

Dissemos, em nosso primeiro capítulo, que o criacionismo é um movimento que surgiu no início do século passado, quando cientistas cristãos, incomodados com o advento da teoria da evolução, se propuseram a investigar cientificamente as origens do universo e da vida.

É possível, então, que você esteja se perguntando se o fato desses cientistas serem cristãos não teria prejudicado os rumos dessa investigação. O que podemos dizer a esse respeito é que sempre existe o perigo de um cientista, quando realiza o seu trabalho, se deixar levar por suas convicções. Ernst Haeckel, por exemplo, um cientista alemão que viveu no período 1834-1919, tentou validar a teoria da evolução de modo bastante reprovável.

Ele primeiro cunhou um novo conceito, batizado de teoria da recapitulação, argumentando que os estágios embrionários de uma dada espécie animal recapitulam a história de sua evolução, uma teoria que, na época, ganhou grande popularidade. A nota dissonante, entretanto, foi o fato de que os desenhos apresentados com a figura do desenvolvimento de embriões de várias espécies não eram corretos. Veja os desenhos que Haeckel apresentou à comunidade científica.

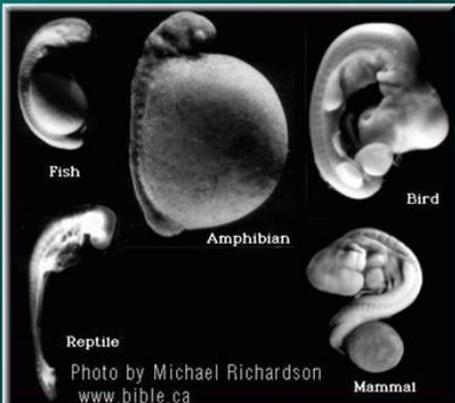
Tais desenhos haviam sido engenhosamente manipulados para dar suporte à sua teoria, o que foi descoberto em 1874, ano em que ele foi condenado por um tribunal universitário, confessando a falsificação de apenas parte dos referidos desenhos. Em 1997, a revista Science, baseada num artigo científico de M. K. Richardson, argumentou que a extensão da fraude era maior, o que trouxe total descrédito a Haeckel. Veja, agora, as fotos reais dos embriões e compare com os desenhos de Haeckel.

 **A fraude de Haeckel**

**À esquerda, as fotos fraudulentas de Haeckel; nas outras duas fotos, obtidas por outros cientistas a partir de casos reais, vemos comprovada a fraude de Haeckel.**

Fish	Salamander	Turtle	Chicken	Rabbit	Human
					
					

[www.bible.ca/tracks/](http://www.bible.ca/tracks/)  
Top Row: Haeckel's Fraud Drawings  
Bottom Row: Actual Photos

  
Fish  
Amphibian  
Bird  
Reptile  
Mammal  
Photo by Michael Richardson  
[www.bible.ca](http://www.bible.ca)

Assim, é claro que o cientista, como todos nós sujeito às suas paixões, pode cometer deslizes dessa ordem, não só intencionalmente, como Haeckel, numa flagrante atitude de desonestidade intelectual, mas também sem a intenção de fraudar os resultados, de modo inconsciente, vendo apenas o que quer ver.

Um cientista cristão, entretanto, como cristão que é, tem um compromisso com a verdade, com valores morais particularmente rígidos. Transigir neste ponto seria aplicar um golpe mortal à sua própria fé e isto seria também mortal à sua existência como cientista. Por esse motivo, aqueles cientistas cristãos, bem como todos os demais que os seguiram, se propuseram a investigar a natureza quanto às origens do universo e da vida, na expectativa de que o resultado dessas investigações validasse suas convicções, mas sem qualquer subterfúgio ou ação fraudulenta.

Em outras palavras, a motivação com que um cientista realiza seu trabalho, e sempre há uma, não compromete, necessariamente, os resultados obtidos, a menos que esse cientista se deixe levar por interesses que, no fundo, não correspondem à realidade da Ciência. Mas vamos à nossa próxima pergunta:

## **Bloco 2a - A mídia sempre se refere ao criacionismo como sendo uma doutrina religiosa. O que há de verdade nisso?**

Não há qualquer verdade nesta afirmação, absolutamente nenhuma! O que há é uma clara intenção por parte dos evolucionistas, e da mídia que os acompanha nessa disposição, de classificar o criacionismo como tal.

Recentemente, em uma reportagem sobre Darwin e sua teoria, encontramos a seguinte afirmação: **"a grosso modo, o criacionismo é a ideia de que Deus criou todas as coisas de acordo com a narrativa do livro bíblico de Gênesis. Ele substitui a cautela e os testes por uma certeza absoluta contida no livro mais importante de uma religião do planeta – entretanto, o mundo tem várias religiões"**.

Ora, por tudo que dissemos até agora, vemos que esta é uma referência ao cristianismo, e não ao criacionismo. É o cristianismo que parte do que a Bíblia diz! Se o criacionismo partisse do que está escrito na Bíblia, considerando esse texto como correto, não haveria qualquer necessidade de se empregar conceitos e métodos científicos para validar seus argumentos que, em princípio, já estariam validados em sua origem. Nesse caso, o criacionismo não seria nem fé, nem ciência, muito pelo contrário, seria uma monstruosidade intelectual que não mereceria, de nenhum de nós, a menor consideração.

Agora, é um equívoco pensar que só o criacionismo poderia estar sujeito a subterfúgios ideológicos. Durante anos pensou-se que Richard Dawkins, um cientista nascido no Kênia em 1941, sempre se mostrara um dos mais agressivos inimigos do criacionismo por uma questão de preciosismo científico. Afinal, ao longo de sua carreira profissional como especialista na área da Biologia, o Prof. Dawkins havia se tornado um respeitado homem de ciência, tendo sido laureado com o título

FRS - Fellow of Royal Society, um título concedido pessoalmente pela Rainha da Inglaterra a cientistas que se destacam em suas áreas de especialidade.

Recentemente, porém, pudemos observar que toda aquela agressividade se devia, em grande parte, às suas convicções ateístas. No fundo, ele era mais um ateu do que um cientista opondo-se ao criacionismo. Nos últimos anos, ele tem se dedicado a uma ONG por ele fundada com o objetivo de difundir o ateísmo no Reino Unido, distribuindo livros e DVDs aos alunos das escolas públicas para que, segundo ele, as novas gerações estejam conscientes de que Deus não existe.

Assim, julgamos a recusa dos evolucionistas em discutir esta questão como extremamente contraproducente. É, no mínimo, curioso que os que declaram a Ciência um universo aberto ao debate são os mesmos que declaram o seu fechamento, não admitindo que se questione qualquer conceito evolucionista. E vejam bem que esses são os mesmos que acusam os criacionistas de fechamento dogmático em sua estrutura de pensamento! A verdade, e ela precisa ser dita, é que criacionistas têm estado sempre abertos ao debate, enquanto evolucionistas, pelo menos nas últimas décadas, têm se mostrado arredios à perspectiva de colocar seus pontos de vista sobre as origens em discussão.

Criacionistas não pretendem se insurgir contra a verdade científica e tampouco têm a intenção de se afastar do campo de batalha intelectual em que defendem seus pontos de vista. Se desejamos estudar objetivamente a questão das origens, só temos um caminho: examinar a realidade à nossa volta e verificar em que direção apontam as marcas deixadas na natureza. É hora, portanto, de debatermos de modo bem transparente a questão das origens do universo e da vida!

Mas fique ligado! Os próximos capítulos vão mostrar, com detalhes, tudo que aqui dissemos a respeito do criacionismo. Mostraremos, também, fatos a respeito do evolucionismo que vão surpreender a todos, inclusive aos mais empedernidos darwinistas.

## Bloco 3

Creio que você, que está conosco nesta série, já percebeu que um dos pontos críticos da polêmica entre criacionistas e evolucionistas é o entendimento sobre o que é, de fato, a Ciência. Evolucionistas acusam os criacionistas de não procederem, no trabalho que realizam, de acordo com os parâmetros da Ciência. Criacionistas também consideram como anticientíficos os argumentos de que evolucionistas fazem uso e suas respectivas conclusões. Por este motivo, cremos que algum tempo dedicado à discussão sobre a Ciência propriamente dita será de muito bom proveito para todos nós.

O trabalho de um cientista consiste na busca de uma explicação para os fenômenos da natureza. Por exemplo, tomemos a chuva como um fenômeno a ser explicado. Durante séculos, a humanidade não teve a menor ideia de como esse fenômeno ocorria sem que o manancial de águas se esgotasse, até que alguns homens de ciência perceberam que o sol aquecia as águas dos rios, dos lagos e dos mares, que evaporavam ganhando as alturas onde se condensavam na forma de nuvens. Em seguida, os ventos levavam essas nuvens para outras regiões onde, por uma questão de pressão e temperatura, novamente se transformavam em pequenas gotas que caíam sobre o solo e que chamamos de chuva.

Assim como a chuva, muitos fenômenos da natureza podem ser explicados de modo natural, isto é, a partir da própria natureza. Isto levou os cientistas a uma conclusão, no mínimo, questionável: a de que todos os fenômenos da natureza podem ser explicados naturalmente. Em outras palavras, o universo seria toda a nossa realidade, nada existindo além do universo que nos abriga, nada fora do universo porque nem esse "fora" existiria. É assim, portanto, que cientistas hoje entendem a nossa realidade. Uma consequência lógica dessa estrutura de pensamento, que denominamos de naturalismo, é que o sobrenatural não existe, sendo mera fantasia da imaginação humana na tentativa de driblar a suposta realidade de que estamos sós no universo.

Vemos, portanto, que a adesão ao naturalismo precede todo o trabalho do cientista e, com certeza, determina o que ele pensa a respeito do funcionamento do universo. Agora, verdade seja dita, nada há de científico nessa adesão, tratando-se de um mero ponto de vista. Não há como colocarmos o naturalismo em teste com os instrumentos da Ciência, e isto nos comunica que precisamos adentrar a presente discussão de modo mais objetivo!

### Bloco 3a - O que é a Ciência? Em que ela se fundamenta?

A palavra "Ciência" vem do latim "*Scientia*" que significa conhecimento. Ora, conhecimento se pressupõe verdadeiro, donde se conclui que esta palavra designa todo o conhecimento adquirido pela livre investigação da natureza, em busca das leis que regem esses fenômenos, utilizando-se, para isso, de certos métodos e princípios próprios desse tipo de atividade.

Modernamente, porém, temos nos deparado com uma descrição da Ciência que consideramos espúria e que, cremos, foi cunhada com o único propósito de favorecer a posição evolucionista,

possibilitando-a se sobrepôr à criacionista. Não raro vemos pessoas defendendo o ponto de vista de que a Ciência é um campo aberto à discussão, sem verdades absolutas, que seus resultados não trazem o estigma dos dogmas, isto é, de afirmações que são meramente consideradas verdadeiras, embora sem as devidas comprovações.

Comparando esses dois pontos de vista, observamos que eles imputam, à Ciência, definições completamente distintas. Cremos que o segundo ponto de vista, muito defendido nos arraiais evolucionistas, é um equívoco e que a definição de Ciência, hoje, precisa de um tratamento mais objetivo, como elaboramos a seguir:

Em primeiro lugar, precisamos distinguir a Ciência dos pronunciamentos dos cientistas. Há apenas alguns séculos, por exemplo, a Terra era considerada um ponto fixo no espaço. Isto - dizem alguns livros hoje - era o que a Ciência daquele tempo dizia. Ocorre que a Ciência nunca disse isso porque, simplesmente, a Ciência não diz nada. Ela não é uma pessoa! A Ciência é constituída de todo o conhecimento que temos do universo como um todo, bem como de cada uma de suas partes. E conhecimento, já dissemos antes, se pressupõe verdadeiro!

Em outras palavras, se a Terra não é, e nunca foi, um ponto fixo no espaço, isto significa que tal afirmação não é, e nunca foi, Ciência, nem hoje, nem no passado. Foram os homens de ciência daquele tempo que, equivocada e indevidamente se pronunciaram em nome da Ciência afirmando algo que não era real. Bastou a Galileu uma luneta e ele descobriu que a Terra nunca havia sido um ponto fixo no espaço, que ela se movia, e isto sim, foi Ciência da melhor qualidade!

É um absurdo, portanto, considerar que a Ciência é mutável. Se fosse, não seria confiável e viver seria um completo caos. A Ciência é constituída de leis, como a da gravidade, da biogênese, da termodinâmica etc. e de muitas outras informações a respeito da natureza que são praticamente inquestionáveis. Da Ciência depende o mundo que nós construímos, a indústria, a informática, todo o desenvolvimento tecnológico sem o qual a existência humana parece não mais ser possível. Nada disso seria possível se o conhecimento realmente científico de hoje não fosse o mesmo de amanhã, se o que sabemos de produção, armazenamento e utilização das várias formas de energia, por exemplo, fosse um conhecimento incerto, duvidoso, passível de ser, a qualquer momento, declarado apenas um equívoco.

Houve um tempo, no passado, em que os médicos acreditavam que boa parte das doenças eram devidas a uma má qualidade do sangue em um determinado momento da vida. Ato contínuo, eles prescreviam as sangrias e, para isso, contavam até mesmo com sanguessugas, animais com ventosas e que, colocados sobre a pele, cuidavam de absorver o sangue dos pacientes, possibilitando, a esses pacientes, a renovação de seu sangue. Hoje, a quem diga que esta era a Ciência daquele tempo. Ledo engano. Grande parte das enfermidades a que eles se referiam eram, na verdade, produzidas por vírus e bactérias que haviam adentrado o organismo das pessoas causando efeitos indesejados. Nesse caso, a cura acabou sendo o resultado do combate a esses intrusos e isso sim revelou-se Ciência de verdade. O que se tinha antes não passava de um equívoco dos homens de ciência daquela época.

Terminamos com a constatação de que os homens de ciência são seres humanos como todos nós, passíveis de erros e paixões que muitas vezes obscurecem a nossa capacidade de discernimento e nos induzem a erros. Quando isso acontece, o que eles dizem não pode ser considerado Ciência na mais plena acepção dessa palavra.

## Bloco 4

Observamos, em nosso último capítulo, que a definição apresentada pela mídia e pelos cientistas evolucionistas do que é Ciência não condiz com o que dela se espera e, muito menos, está de acordo com a etimologia da palavra. A definição por eles proposta só serve para desqualificar a pesquisa científica e promover o seu próprio conceito subjetivo, com vistas a validar o raciocínio evolucionista. Fica patente, portanto, a direção clara e objetiva que criacionistas imprimem ao seu raciocínio e desafiamos a quem quer que seja a provar o contrário.

O fato é que não se faz Ciência com meias verdades, mas com verdades inteiras. Isto não significa que, em um dado momento da história, ou sabemos tudo, ou não sabemos nada. Não. É fato também incontestável que o conhecimento científico é progressivo, isto é, que a Ciência, como um corpo dinâmico, avança através dos tempos se complementando.

Até 1846, por exemplo, só sete planetas eram conhecidos: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno e Urano. Foi nesse ano que Netuno foi descoberto, não pelo método visual, mas através de cálculos matemáticos a partir de interferências observadas na órbita de Urano. Significa isto que a Ciência daquele tempo dizia que o sistema solar tinha apenas 7 planetas girando à volta do nosso sol? Obviamente, não! O correto seria dizer que a Ciência daquele tempo só possuía o registro da existência de 7 planetas em nosso sistema solar. Há um oceano de distância entre essas duas declarações.

Assim, por um lado, o conhecimento científico que temos acerca da natureza estará sempre limitado às condições de cada época, porque os resultados da investigação científica dependem do conhecimento já adquirido, de novas pesquisas, e dos avanços da tecnologia que, através da produção de novos instrumentos, nos proporcionam condições de pesquisa cada vez mais favoráveis. Devemos ter sempre em mente que a Ciência condena o subjetivismo porque este, via de regra, diminui ou nega a racionalidade e a objetividade do conhecimento.

Enfim, o conhecimento científico exige formulações exatas e claras pois requer verificação segundo os padrões do método científico antes que possamos nos sentir livres para aceitá-lo como verdadeiro. É exatamente este tipo de transparência que os criacionistas desejam ver em suas discussões acerca das origens do universo e da vida.

### **Bloco 4a - Nesse caso, podemos definir o criacionismo de modo mais objetivo? E o evolucionismo?**

Já dissemos antes que, como movimento, o criacionismo surgiu no início do século passado, congregando cientistas que, discordando da visão de mundo evolucionista, resolveram pesquisar as origens do universo e da vida em busca de respostas mais convincentes. O movimento cresceu desde então, espalhando-se por todos os países, e hoje abriga muitos cientistas altamente respeitados no mundo da Ciência e que antes eram evolucionistas. Rejeitamos, portanto, qualquer ten-

tativa de classificar este movimento como mais uma incursão no campo da religião ou mesmo como um movimento apenas defendido por pessoas sem as devidas credenciais científicas.

A mídia, entretanto, bem como os cientistas em geral, insistem em posicionar o criacionismo no campo teológico. Até mesmo o Design Inteligente, um movimento até certo ponto paralelo ao criacionismo mantém esse ponto de vista. Em seu manifesto, após declaração de não ser favorável ao ensino do conteúdo do Design Inteligente nas escolas, a respeito do criacionismo registra as seguintes palavras:

***"Quanto ao criacionismo, na sua versão religiosa e filosófica, por causa de seus pressupostos filosóficos e teológicos, entendemos que deva ser ensinado e discutido, junto com as evidências científicas que porventura o corroborem, em aulas de filosofia e teologia, dando a estas disciplinas o seu devido valor no debate sobre as nossas origens."***

Vemos, portanto, que é tempo de apresentarmos uma definição objetiva do criacionismo, sem o que uma discussão também objetiva, incluindo o conteúdo criacionista, torna-se completamente inviável. Passemos, então, a essa definição:

O criacionismo, tanto quanto o evolucionismo, é uma interpretação de fatos da natureza relacionados com as origens do universo e da vida. Os fatos aqui referidos, ocorreram no passado, de modo que a interpretação correspondente se faz com base nos resultados da pesquisa científica conduzida pelos cientistas, em fatos históricos, quando isso é possível, e em conjecturas (hipóteses) quando esses fatos se mostram inacessíveis.

Nesse trabalho, que se constitui a própria essência do criacionismo, não há nenhum recurso a questões teológicas ou ao texto bíblico. Quando muito, a fé cristã pode servir de inspiração, de motivação para o trabalho a ser realizado. A motivação, entretanto, quando trabalhamos seriamente, só nos coloca em ação, não comprometendo os resultados alcançados. Na arqueologia, por exemplo, vários sítios arqueológicos foram descobertos em locais que hoje são desertos, apenas porque as cidades correspondentes eram mencionadas na Bíblia.

Vamos ilustrar o que estamos afirmando com uma demonstração. Quando vemos um mapa cartográfico do mundo logo somos despertados para a ideia de que, no passado, havia um único continente. A África, por exemplo, se encaixa perfeitamente na América do Sul. Assim, a pangea (um só continente) é praticamente um consenso entre os estudiosos. A pergunta que surge é: como foi que este único continente se fragmentou gerando os atuais continentes?

Obviamente, nenhum de nós estava lá para ver o que aconteceu, de modo que, qualquer explicação terá, forçosamente, que incluir algumas conjecturas. No contexto evolucionista, a velocidade atual de afastamento entre os continentes foi projetada para o passado e, assim, se concluiu que esses continentes começaram a se separar há alguns bilhões de anos passados.

O problema é que há, nesse raciocínio, um erro básico de Física! Quando uma força atua sobre um objeto, colocando-o em movimento, por força do atrito e outras questões ambientais, esse objeto vai perdendo velocidade até eventualmente parar. Este fato inquestionável da natureza não é le-

vado em consideração no contexto da explicação evolucionista, assim como não há uma explicação plausível para a fragmentação daquele único continente em vários continentes.

O criacionismo, por sua vez, parte de um fato presente nos livros de Geologia, de que uma das camadas da crosta da Terra é um verdadeiro cemitério de fósseis de diversos tipos, todos misturados. Esta camada, presente em todos os continentes, é evidência significativa de uma catástrofe em que todo o planeta foi coberto pela água, porque a presença de água gera condições ideais de fossilização. Veja o que diz a esse respeito o geólogo evolucionista A. McAllester, autor do livro ***The History of Life***:

***"Em nítido contraste com o registro pré-cambriano, constituído predominantemente por plantas simples, verifica-se um rápido e drástico aparecimento dos primeiros animais . . . Os primeiros fósseis animais não são os primitivos, unicelulares, como seria de se esperar, mas sim formas complexas, multicelulares, cujo aparecimento tão tardio na história da Terra tem sido um dos mais embaraçosos problemas."***

Lembrando o que ocorreu com a ilha de Cracatoa, há pouco mais de 100 anos, quando água do mar entrou pela boca de um vulcão, gerando uma explosão tão grande que a ilha ficou reduzida a 1/6 de suas dimensões, podemos imaginar a magnitude da catástrofe a que aqui nos referimos, quando todos os vulcões, e há muitos montes que hoje são vulcões extintos, tiveram água do mar entrando pelas suas bocas.

Com certeza essa catástrofe foi tão grande que deve ter rasgado aquele único continente em várias partes, imprimindo a essas partes uma velocidade inicial compatível com a magnitude do evento. Assim, considerando o que dissemos a respeito do atrito, é possível concluir que tal catástrofe pode ter ocorrido mais recentemente do que os evolucionistas podem imaginar.

Rasgando-se o continente de um lado, gerando o vale em que hoje se encontra o oceano Atlântico e, do outro lado, o vale do oceano Pacífico, a parte continental entre esses dois vales teria sido comprimida, gerando altas montanhas e cordilheiras. Só assim podemos explicar a presença de conchas marinhas a 4 mil metros de altura na Bolívia.

É óbvio que ninguém pode, por certo, afiançar o que de fato aconteceu no passado do nosso planeta. Entretanto, podemos perguntar: qual das duas interpretações está mais coerente com os fatos da natureza e é sensivelmente mais viável em toda a sua extensão?

Parece-nos óbvio que a resposta a esta pergunta é a interpretação criacionista que, em sua extensão, inclui fatos da natureza e argumentos científicos. Enquanto isso, a interpretação evolucionista contraria frontalmente leis básicas da Física.

De resto, também observamos que a interpretação criacionista não fez uso, como recurso, de um único elemento ou argumento teológico.

## Bloco 5

No capítulo anterior, mostramos uma interpretação criacionista da separação dos continentes, que não faz uso de argumentos teológicos. **"Tudo bem"** - diriam os evolucionistas - **"nós não estamos aqui dizendo que todas as explicações do criacionismo tenham essa característica. Mas como explicar a existência de um agente externo ao universo?"**

Para entender esta questão, vejamos o que pensa a presidente da SBPC a esse respeito. Em recente pronunciamento, ela disse: **"Os argumentos criacionistas são baseados em crenças acerca de uma entidade de fora do mundo natural e, como tal, não pode ser investigado pela ciência, que somente investiga os fenômenos que ocorrem naturalmente"**.

Em princípio, essas palavras parecem fazer muito sentido mas façamos um exercício próprio da Ciência, quando imaginamos situações hipotéticas para então adentrarmos a realidade dos fatos. Imaginemos a existência de um outro universo além do nosso. Obviamente, esse outro universo não seria investigável já que, de onde estamos, só conseguimos ver partes do nosso próprio universo e sequer sabemos onde ele termina, se é que termina! Suponhamos que, nesse outro universo, existissem seres inteligentes, os quais, apesar de não poderem vir até nós, estariam habilitados a enviar raios capazes de produzir efeitos em nosso universo, artificiais ou naturais, que não poderiam ser realizados com nossos próprios recursos.

Nesse caso, por um lado não poderíamos investigar esses seres do outro universo, não teríamos condições de saber se eles são como nós, se são de carne e osso, se sangue circula em suas veias, se é que têm veias. Entretanto, os efeitos produzidos em nosso universo pelos seus raios seriam evidência muito significativa da existência de tais seres, tornando-os parcialmente passíveis de serem investigados.

O que estamos querendo dizer é que não temos como investigar cientificamente um agente externo ao universo, sobretudo se ele se mantiver fora dos nossos limites de observação, mas sua existência pode sim ser investigada se ele tiver praticado ações concretas que possam ser detectadas em nosso universo. É por esta via, e não por recurso ao texto bíblico, que o criacionismo caracteriza a existência de um agente externo ao nosso universo e que teria sido a sua causa.

### **Bloco 5a - Que evidências da natureza, então, podemos apresentar da existência de um agente externo ao universo?**

Começemos com a origem do universo! Cientistas em geral, evolucionistas em particular, afirmam que o universo começou com uma explosão por eles denominada de Big-Bang. Segundo eles, toda a matéria de que o universo se compõe estava comprimida de tal modo que, virtualmente, caberia em uma cabeça de alfinete.

Antes de continuar, lembremos de outro pronunciamento da presidente da SBPC: **"O criacionismo não é uma teoria científica, não satisfaz a condição essencial de poder ser testado, refutado,**

***confrontado com a realidade por meio de observações e experiências, de tal modo que se possa verificar se suas afirmações são conforme aos fatos"***. Então, perguntamos:

Toda a matéria do universo comprimida em um espaço menor que uma cabeça de um alfinete; a explosão dessa matéria gerando todo o universo; isso pode ser testado? Pode ser comprovado por meio de observações e experiências? Podemos comprovar que esta é mesmo a história do início do universo? Não há nada mais reprovável do que, estando a serviço da Ciência, exigirmos de outro um comportamento que não exigimos de nós mesmos!

Em recente artigo publicado na internet, Salvador Nogueira, um jornalista científico, reúne os cinco principais pontos que, segundo os cientistas evolucionistas, representam a prova incontestável do Big-Bang. Não vamos aqui discutir o conteúdo desse artigo mas é interessante observar que a segunda dessas provas diz respeito a uma radiação encontrada vinda de todas as direções e que, segundo esses cientistas, exatamente por causa dessa característica, seria a radiação proveniente da explosão que foi o Big-Bang.

Ocorre que esta conclusão pressupõe um conhecimento que não temos do nosso universo. Não conhecemos todas as possíveis explicações para a origem de tal radiação. Nessas condições, fazendo Ciência de modo tão leviano, fica fácil provar cientificamente qualquer coisa, até mesmo que o evolucionismo é a correta explicação para a origem do universo e da vida.

Mas o pior é que a explicação evolucionista da origem do universo, além de não poder ser comprovada cientificamente, não resolve o problema principal que é: de onde surgiu a matéria que, antes da suposta explosão, estava absurdamente comprimida? Nesse ponto, para quem se situa no contexto do naturalismo, isto é, para aqueles que, sem comprovação científica alguma adotam esse ponto de vista, só resta uma possibilidade: acreditar que a matéria é eterna.

Assim, mais uma vez, perguntamos: essa suposta eternidade da matéria pode ser testada? Observada? Comprovada por meio de experiências? Obviamente, não. Além disso, a natureza aponta em outra direção: as leis da Termodinâmica nos informam que a quantidade de matéria/energia disponível é constante e que nosso universo funciona à base de conversão de energia de uma forma para a outra. Tais leis também nos informam que, à medida que isso acontece, sempre se perde parte dessa energia sob a forma de calor, a mais degradada de todas.

Em outras palavras, deixado à sua própria sorte, chegará o dia em que nosso universo estará virtualmente morto, com toda a energia hoje disponível transformada em energia calorífica e nenhuma conversão será mais possível. Como isto se daria em um número de anos muito grande, porém, finito, a matéria não pode ser eterna. Se fosse eterna, esse dia já teria chegado e não estaríamos aqui discutindo esta questão.

Não sendo a matéria eterna, este problema fica sem solução no contexto do naturalismo. Supor que a matéria não existia e, do nada, em um determinado momento, passou a existir é uma impossibilidade lógica. Assim, a existência da matéria nos comunica que o naturalismo não é a visão de mundo correta, o que nos coloca diante de um agente externo ao universo, que teria sido a sua causa.

A imprensa, de modo geral, bem como os cientistas evolucionistas, tem procurado caracterizar o criacionismo como anticientífico, cujos integrantes são fanáticos religiosos, dispostos a tudo para fazer prevalecer seus pontos de vista acerca das origens do universo e da vida. O que temos constatado nesta série é que os criacionistas têm estado sempre preocupados com a questão da coerência em suas explicações, procurando sempre se munir de argumentos lógicos, racionais e científicos.

Muito objetivamente, com respeito à possibilidade da existência de um agente externo ao universo, criacionismo e evolucionismo não podem ser colocados na mesma balança. Evolucionistas excluem essa possibilidade, não porque tenham alguma comprovação científica disso, mas tão somente porque se colocaram no contexto do naturalismo, cuja máxima é que o universo é toda a nossa realidade, nada havendo além do universo. Já os criacionistas admitem essa possibilidade por causa das muitas evidências da natureza que apontam nessa direção e que refutam o naturalismo.

Ressaltamos, aqui, o fato de que nossas limitações não nos permitem ir muito além da apresentação de evidências, ainda que significativas, da existência de um agente externo que teria sido a causa do nosso universo. Este, porém, é praticamente um ato consciente dos criacionistas, uma vez que evolucionistas sempre apresentam suas conclusões como definitivas, mesmo quando a fragilidade dessas conclusões é amplamente demonstrada.

De resto, já dissemos antes que esta série não objetiva o conteúdo do criacionismo, mas sua defesa como estrutura de pensamento. Parte desse conteúdo, entretanto, se fará presente para ilustrar nossos pontos de vista e já estamos nos preparando para a edição de uma série de vídeos que terá um compromisso maior com a exposição desse conteúdo. Fique conosco!

## Bloco 6

A discussão sobre as origens tem como palco o passado mais remoto do nosso planeta ou do universo. Neste caso, precisamos reconhecer que os argumentos utilizados terão, forçosamente, que incluir, além de elementos próprios da Ciência, conjecturas, interpretações dos rastros que tais acontecimentos possam ter deixado na natureza.

A Ciência moderna escolheu o naturalismo como seu alicerce básico, entendendo que o universo é toda a nossa realidade. Este pressuposto determinou a conclusão de que todos os fenômenos da natureza podem ser explicados naturalmente. O problema é que não dispomos da menor comprovação de que este seja o cenário correto e isto significa correr o risco de produzir explicações que não correspondem à realidade dos fatos, explicando naturalmente o que possivelmente não pode ser explicado desse modo.

Em nosso último parágrafo, o verbo "escolher" foi bem colocado porque não há como provar cientificamente que o naturalismo é a visão de mundo correta. Curiosamente, sem a menor preocupação de coerência, muitos evolucionistas expressam restrição ao criacionismo porque, segundo eles, trata-se de uma visão de mundo e, como tal, não pode ser considerado ciência. Vai entender!

A verdade é que ninguém pode dizer, por certo, o que ocorreu no passado mais remoto das nossas origens, mas todos podemos avaliar se as explicações dadas são alicerçadas em fatos e, principalmente, se foram desenvolvidas com a devida isenção. Esta observação é muito importante porque, assim como o criacionismo tem forte apelo a quem professa uma religião, o evolucionismo também exerce forte atração aos que professam o ateísmo.

Temos certeza de que, avaliadas com a devida isenção, as explicações criacionistas da separação dos continentes e da origem do universo que apresentamos em capítulos anteriores são muito superiores às correspondentes explicações produzidas pelos evolucionistas.

### **Bloco 6a - E sobre a origem da vida? O que podemos dizer?**

Um ponto muito interessante a respeito do universo é que toda a matéria de que ele se compõe é formada a partir de átomos de diferentes tipos. Os átomos são entidades que têm um núcleo formado a partir de prótons (elementos com carga positiva) e nêutrons (elementos com carga neutra). À volta de seus núcleos encontram-se os elétrons (elementos com carga negativa). Tudo no universo é formado a partir de átomos, incluindo os seres vivos e, mais particularmente, todos nós, seres humanos.

Para os evolucionistas, situados no contexto do naturalismo, não lhes restou outra alternativa que não explicar a origem da vida através de um processo casuístico em que os átomos, ligando-se livremente uns aos outros, um dia teriam logrado uma combinação unicelular capaz de se auto-replicar e que teria sido o primeiro ser vivo sobre a face da Terra.

Esta hipótese ficou conhecida na história como hipótese de Oparin e Haldane por ter sido trazida à cena pelos cientistas Aleksandr Ivanovich Oparin (1894-1980) e John Burdon Sanderson Haldane (1892-1964). Destacamos, entretanto, o fato de que tal hipótese é uma consequência imediata da visão de mundo naturalista que, repetimos, foi abraçada pelos evolucionistas sem qualquer evidência ou comprovação científica.

Em 1953, os cientistas Stanley Miller e Harold Urey, da Universidade de Chicago, se propuseram a testar a hipótese de Oparin-Haldane e realizaram uma experiência que ficou conhecida como experiência Urey-Miller, colocando, em um balão de vidro, metano, amônia, hidrogênio e vapor de água. Eles, então, submetem a mistura a aquecimento prolongado e descargas elétricas, na expectativa de que assim fossem formados elementos que integram os seres vivos.

Por que esse aparato e essas condições? Porque sabiam que no mundo de hoje este experimento não lograria obter resultados positivos: o oxigênio cuidaria de destruir qualquer aglutinação de átomos que viesse a ser formada. Como resultado, Miller e Urey obtiveram alguns poucos aminoácidos, todos impróprios para a vida, e cujas ligações entre os átomos correspondentes foram desfeitas logo em seguida.

A experiência, por seus poucos resultados, dificilmente poderia ter sido considerada bem sucedida e, significativamente, nunca mais foi repetida. Para chegar a uma proteína precisaríamos de aminoácidos bem específicos, dezenas deles, uma reação para cada ligação e, quando lográssemos construir uma proteína, ainda estaríamos demasiadamente longe de um ser vivo.

Aqui estamos diante de uma ideia evolucionista sobre a origem da vida que foi testada mas que não logrou ser comprovada cientificamente. Mas quem pode entender a lógica bizarra dos evolucionistas? Para eles, os paupérrimos resultados da experiência Urey-Miller, obtidos a partir de mentes privilegiadas e sofisticado aparato tecnológico bem poderiam ter ocorrido ao sabor do acaso na natureza! Qualquer matemático experiente que examinar de perto esta questão dirá que a origem da vida segundo o evolucionismo é uma impossibilidade probabilística, mesmo que tivéssemos bilhões de anos à nossa disposição.

Na verdade, estamos diante de mais um momento crítico na história do universo, o da origem da vida, impossível de ser superado com recursos exclusivamente oriundos da natureza. Esta é mais uma evidência da existência de um agente externo ao universo e que foi capaz de organizar a vida a partir da matéria inanimada.

Registre-se, entretanto, que criacionistas não consideram o argumento aqui desenvolvido como a prova definitiva da existência de um agente externo ao universo, numa atitude consciente da limitação que nos é imposta pelas próprias condições em que nos encontramos ao discutir o tema em pauta.

Estamos diante de uma evidência disso, muito significativa, mas uma evidência. São os evolucionistas que, contrariando todos os pressupostos do comportamento científico, afirmam peremptoriamente que seus pontos de vista são a resposta definitiva para o enigma da origem da vida. Mas não são eles que nos acusam de ter um discurso dogmático?

Profª Drª Helena Nader, como a senhora e seus pares evolucionistas podem afirmar que a origem da vida segundo os pressupostos evolucionistas seja uma teoria científica? Para usar suas palavras, ela não se ajusta à sua própria definição de Ciência, como uma teoria que *pode* ser testada, refutada, confrontada com a realidade por meio de observações e experiências, de tal modo que se possa verificar se suas afirmações são conforme aos fatos!

Gostaria de ser convidado para estar presente quando a senhora, ou alguém de sua equipe, for realizar uma experiência com essas características e que comprove a origem da vida segundo os pressupostos evolucionistas. Contudo, ousou afirmar que, mesmo que o homem venha a testemunhar, em outras galáxias, num futuro distante, a transição entre o inorgânico e o orgânico, ou consiga promover essa transição em laboratório, ainda assim restará provar que, em nosso planeta, a vida teria surgido sob estas mesmas condições, e isto, já lhe digo de antemão, será uma realização virtualmente impossível.

## Bloco 7

A expressão "caça às bruxas" ficou muito conhecida na época da inquisição, quando várias pessoas foram perseguidas, presas e condenadas à morte pela prática da bruxaria. O obscurantismo foi o tom característico desse período de totalitarismo eclesiástico em que muitos dos sacrificados eram apenas elementos visados pelo sistema porque representavam uma ameaça ao poder.

Aos poucos, os princípios democráticos foram ganhando espaço e garantindo a liberdade de expressão de culto e até mesmo de bruxaria. Bruxos, hoje, estão com a cotação em alta e alguns são autores de verdadeiros best-sellers do momento.

O problema, entretanto, quando se sai de um extremo rumo a uma posição de equilíbrio, é parar na hora certa. Isto é assim porque as pessoas, em geral, evitam o confronto, preferindo a passividade, enquanto aguardam melhores tempos. E quando estes não aparecem, quando a ansiedade se acumula além dos limites suportáveis, chegou a hora da partida. Nesse momento, a inércia é vencida com um ímpeto tão grande que quase sempre não se consegue parar onde se deseja e a trajetória tende a continuar em direção à outra extremidade.

Aí, tudo se complica um pouco mais porque as extremidades se tocam e isto significa que praticamente voltamos ao ponto de partida com os mesmos valores, as mesmas tensões, em geral caracterizados por uma permuta de funções, com a caça virando caçador e vice-versa.

Há cerca de duas décadas nascia, nas dependências do Christian Heritage College, na Califórnia, o Institute for Creation Research (Instituto de Pesquisa da Criação), uma organização destinada a formar profissionais (mestres e doutores) em várias áreas científicas, mantendo um enfoque criacionista em seu programa de estudo. O ICR não teve qualquer dificuldade em obter sua licença de funcionamento perante as autoridades já que, como instituição regularmente inserida no contexto educacional norte-americano, o instituto se dispunha a cumprir o currículo mínimo obrigatório para os vários cursos oferecidos.

Cedo, porém, ICR consolidou suas bases, ampliou seu raio de ação com a publicação Acts, Facts and Impact (Atos, Fatos e Impacto), e deu início a uma verdadeira cruzada de palestras, conferências e debates nas principais universidades norte-americanas. Os efeitos logo se fizeram sentir, com os debates mostrando-se catastróficos para a posição evolucionista. Em pouco tempo já não se encontrava mais quem se aventurasse a participar de um confronto de idéias perante uma audiência universitária.

Foi em meio a esse caos que evolucionistas decidiram abandonar o fórum das batalhas intelectuais e investir por trás dos bastidores, procurando convencer o sistema educacional norte-americano a cassar a licença do ICR. Em uma primeira investida, tudo que conseguiram foi que o instituto se visse obrigado a deslocar toda a argumentação criacionista para disciplinas sem crédito. Isto, na verdade, já foi um golpe bastante duro e só quem participou de um programa de estudo sério sabe avaliar a extensão dessa medida. Um programa de mestrado ou de doutoramento já é suficientemente pesado por si mesmo e nenhum estudante, a menos que esteja profundamente interes-

sado, irá cursar uma disciplina que não valha um único crédito. Assim mesmo, o ICR cumpriu essa determinação.

Não satisfeitos com os resultados obtidos, grupos evolucionistas investiram novamente e, desta feita, conseguiram que um tribunal cassasse a licença de funcionamento do ICR. O instituto, porém, recorrendo a um tribunal superior, não teve que fechar suas portas até que o caso fosse julgado novamente, dentro do prazo de um ano. Assim, apesar do final quase feliz, os prognósticos eram de que tempos difíceis estavam à espreita no futuro.

Tudo isso indica, na verdade, um novo tempo de "caça às bruxas", só que desta vez de modo invertido, com as bruxas caçando. Os perseguidores de hoje são os que pretendem manter o bom senso enclausurado, que desejam ver de volta os tempos de obscurantismo, porque isso favorece a imposição de pontos de vista que não resistem a argumentos baseados na lógica e na razão.

Enquanto o ano de espera se transcorria, o articulista Forrest Mims, do Texas, foi rejeitado para escrever a coluna "Cientista Amador" na revista Scientific American por não aceitar a teoria da evolução, entendendo que os principais tipos básicos de vida haviam sido criados independentemente uns dos outros. O curioso é que Mims já havia publicado, com sucesso, seus artigos, não só nesta revista, como em outras conceituadas revistas científicas, sendo considerado sempre um profissional muito competente. Registre-se, de passagem, que o artigo rejeitado não abordava a questão das origens. Assim, mais uma vez ficou caracterizada a intenção dos evolucionistas de discriminar qualquer pessoa que não esteja em plena sintonia com seus pontos de vista em relação às nossas origens.

O dia do julgamento chegou meio a uma expectativa muito grande. Se perdesse, não haveria possibilidade de apelação. O ICR apresentou-se munido de seus advogados e de uma cuidadosa defesa de suas posições. Finalmente, a corte suprema se pronunciou favoravelmente ao ICR, que ficava definitivamente livre para funcionar e para ensinar o modelo criacionista das nossas origens em sala de aula, sendo esta medida válida para quaisquer outras instituições norte-americanas que julgassem que assim deveriam proceder.

Tudo isso caracteriza os novos tempos que apenas começam a ser difíceis. Nada disso, porém, intimida criacionistas e esta série é prova disso. Criacionistas sabem que estão em uma defesa muito objetiva do modelo criacionista, que entendem ser a real explicação das nossas origens. As idéias de Darwin a respeito da origem das espécies explodiram, no século XIX como uma bomba moderna de muitos megatons, destruindo a mente das pessoas, mas deixando-as vivas. Hoje, porém, estamos preparados para discutir essa e outras questões pertinentes ao debate que daí se originou. Passemos, então, a essa questão nevrálgica da polêmica entre criacionistas e evolucionistas.

## **Bloco 7a - E sobre a origem das espécies? Não temos, aqui, um momento mais favorável aos evolucionistas?**

Vamos, inicialmente, examinar a posição evolucionista a respeito da origem das espécies. Este era, de fato, o único conteúdo que Darwin pretendia explicar em seu livro com este mesmo título, A Origem das Espécies. Sobre a origem da vida, Darwin dedicou apenas um parágrafo em seu livro, dizendo acreditar que os primeiros germes de vida havia sido colocados por Deus na Terra. Este parágrafo, porém, foi logo suprimido, tendo aparecido apenas em sua primeira edição.

Darwin havia feito uma viagem ao redor do globo, como naturalista, com a responsabilidade de descrever a fauna e a flora dos lugares visitados. Foi compilando esses dados que ele teve a ideia de que as espécies de seres vivos haviam se originado umas a partir das outras. As evidências descritas por Darwin, entretanto, resumiam-se a variações dentro de uma mesma espécie. Segundo ele, as diferenças observadas entre os indivíduos de uma geração e os da geração seguinte poderiam se acumular ao longo dos anos e, assim, dar origem a uma espécie tão diferente da original que um possível observador que presenciasse apenas o início e o fim do processo nem suspeitaria que uma poderia ter se originado a partir da outra.

Ocorre que o trabalho científico não consiste apenas em descrever possíveis mudanças que possam ocorrer no meio ambiente. Se dizemos, por exemplo, que as espécies de seres vivos tiveram origem umas a partir de outras, precisamos especificar o mecanismo da natureza responsável por tais mudanças. Registre-se, aqui, que a ideia da evolução é bastante antiga, tendo sido Darwin o primeiro a sistematizar essa ideia. Nesse sentido, Lamarck (1744-1820), um cientista anterior a Darwin (1809-1882), foi o primeiro a produzir uma explicação a respeito desse mecanismo.

A teoria proposta por Lamarck postulava a transmissão hereditária de caracteres adquiridos pelos organismos por ação do ambiente, tais como o desenvolvimento ou atrofia de um determinado órgão, motivado por maior ou menor uso. Essa doutrina influenciou o pensamento evolucionista durante a maior parte do século XIX.

Lamarck acreditava que um novo meio ambiente suscitava novas necessidades que os animais procuravam satisfazer através de algum esforço. Tais necessidades, então, gerariam novos hábitos que, com o tempo, modificariam suas características de modo cumulativo e permanente.

Assim, as girafas teriam adquirido pescoços compridos através do esforço que faziam para se alimentar das folhas que cresciam nas partes mais altas das árvores. Com os avanços da genética, descobriu-se que essas ideias careciam de fundamento científico e, assim, o Lamarckismo caiu em descrédito, permanecendo ainda vivo nos trabalhos dos cientistas soviéticos, até ser finalmente descartado por volta de 1930.

Mas será que foi mesmo descartado? Alguns livros utilizados em sala de aula nas escolas e universidades ainda revivem as ideias de Lamarck, desconsiderando as descobertas científicas já sedimentadas há mais de meio século no campo da genética.

A segunda tentativa para explicar o mecanismo da natureza responsável pela evolução veio através de Charles Darwin. Segundo Darwin, o mecanismo da evolução era constituído de dois fatores: a variabilidade genética dos seres vivos e a seleção natural. Ele havia observado que entre uma geração e outra de seres vivos há sempre muitas diferenças, e pensou que, com o tempo, elas poderiam se acumular e gerar modificações substanciais nas espécies existentes. A seleção natural, então, cumpriria seu papel de selecionar, entre as variedades ocorridas, as mais aptas à sobrevivência.

Desse modo, vemos que o ponto de vista de Darwin tinha por base o potencial genético de cada espécie, a capacidade que cada ser vivo tem de projetar nas sua prole características que ele guarda codificadas em si mesmo, mas que nem sempre manifesta em seu próprio organismo. A partir daí, uma verdadeira luta pela sobrevivência teria lugar, e os mais fortes, mais aptos iriam sobreviver e se reproduzir, transmitindo à sua prole condições mais favoráveis.

A diferença marcante entre a posição de Lamarck e a de Darwin é que Lamarck baseava-se em um princípio apenas imaginado e, posteriormente, revelado falso, enquanto Darwin tinha por sustentação de sua teoria dois autênticos fatos da natureza: a seleção natural e a luta pela sobrevivência. A questão toda residia no fato de que não era tão óbvio que esses dois fatores pudessem ser suficientes para fazer surgir novas características. E sem novidades entrando em cena não se poderia jamais passar de uma espécie para outra.

O tempo, porém, cuidou de mostrar, primeiro com os trabalhos de Mendel, depois com os de Hugo de Vries, que esses dois fatores não podiam ser responsáveis pelo surgimento de novas características em uma dada espécie de seres vivos. Foi assim que a evolução perdeu mais um dos mecanismos propostos para explicá-la, o que desferia um golpe muito profundo na ascensão do evolucionismo.

## **Bloco 7b - continuação**

Foi no início do século passado que Hugo de Vries (1848-1935), um professor de botânica da Universidade de Amsterdam, observou mudanças súbitas nas novas gerações de um tipo de primulas e as chamou de mutantes. Descobria-se, desse modo, um fenômeno da natureza capaz de produzir o tipo de alteração em um organismo vivo que talvez pudesse servir aos propósitos da teoria da evolução. Mutações eram uma realidade e podiam ocorrer espontaneamente, como resultado de acidentes na duplicação do material genético, ou induzidas por fatores externos, tais como radiações eletromagnéticas e certos agentes químicos.

Este era o alento ansiosamente esperado pelos evolucionistas. Em função da descoberta, a teoria da evolução rapidamente se fortaleceu reconhecendo que Darwin não estava bem certo em suas postulações, mantendo o papel da seleção natural e introduzindo as mutações como trunfo de ouro. Só restava saber se as novas protagonistas tinham condições para figurar como carro-chefe da evolução.

Infelizmente, porém, para os evolucionistas, como acidentes que são, as mutações tendem a diminuir o grau de complexidade dos organismos atingidos, comprometendo-os em suas funções vitais. Veja o que disse a esse respeito H. J. Muller (1890-1967), geneticista detentor do prêmio Nobel pelo seu trabalho com mutações:

**"Está inteiramente em acordo com a natureza acidental das mutações que extensivos testes têm corroborado em mostrar que a vasta maioria delas é deletéria aos organismos no seu desempenho de sobreviver e de se reproduzir, do mesmo modo como mudanças acidentais introduzidas em qualquer mecanismo artificial são predominantemente prejudiciais à sua operação. Boas mutações são tão raras que podemos considerá-las todas más"** (How Radiation Changes the Genetic Constitution - Bulletin of the Atomic Scientist, 11(1955), p. 331)

A conclusão é, então, mais do que óbvia: como fenômeno da natureza capaz de alterar o código genético dos seres vivos, as mutações representam a última esperança dos evolucionistas. Em consequência, Darwin estava equivocado em sua teoria sobre a origem das espécies e isto compromete profunda e radicalmente a teoria da evolução.

Em contrapartida, uma das mais conhecidas leis da natureza, a lei da Biogênese, nos traz luz das mais esclarecedoras sobre esta questão. Esta lei afirma que vida provém somente de vida e que cada ser vivo descende de outro semelhante a ele. Em outras palavras, é um equívoco pensar que todos os seres vivos estão interligados e que todos descendem de um único ser vivo unicelular.

A verdade sobre nossas origens, que salta aos olhos de toda e qualquer pessoa que examinar esta questão com a devida isenção, é que macacos sempre foram macacos, cães sempre foram cães, bactérias sempre foram bactérias e seres humanos sempre foram seres humanos.

Temos visto, ao longo desta série, que o criacionismo não extrai suas conclusões da teologia, de dogmas religiosos, mas do que a natureza tem a nos dizer sobre nossas origens. De passagem, vimos, também, que a matéria não pode ser eterna, o que demanda a existência de um agente externo que a trouxe à existência; que o universo teve um começo e terá um fim; que o surgimento da vida por mera obra do acaso ou circunstâncias naturais é uma impossibilidade; que os seres vivos não surgiram uns a partir dos outros, mas foram feitos independentemente uns dos outros. Todas essas considerações apontam diretamente para a realidade da criação, trazendo à cena aquele que é o autor da vida.

## **Bloco 8 - Mais concretamente, como podemos mostrar que evolucionistas têm se afastado da Ciência na apresentação de suas teses?**

Há, na verdade, a esse respeito, um verdadeiro vale-tudo em nome da Ciência. O que é consenso em termos de Ciência passa a ser descartado com a maior facilidade, se isso for conveniente. E olhe que não estamos aqui falando de erros convenientes do passado, de fraudes que se tornaram célebres com o intuito de validar o evolucionismo. NÃO! Estamos falando de casos concretos dos nossos dias, que reunimos neste capítulo.

**1.** Um filme que apresentamos em nossas palestras nos mostra um argumento que mais parece uma piada.

Em uma das cenas, mostrando uma floresta, o apresentador menciona suas árvores, constantemente atacadas por gafanhotos e lagartas que se alimentam de suas folhas. Não podendo fugir, diz o narrador, essas árvores tiveram que tomar suas próprias providências para sobreviver. Para resolver o problema, algumas inseriram em suas folhas substâncias como o tanino, que tem gosto amargo. Outras, mais radicais, inseriram, também em suas folhas, estricnina e cianureto, que são fortes venenos.

O filme, entretanto, não menciona como as árvores tiveram "consciência" do problema! Quantas vezes erraram antes de encontrar as substâncias certas? Como encontraram as substâncias adequadas se não podem se mover e têm que ficar à mercê do que podem absorver do solo através de suas raízes? Sendo algumas delas venenosas, como essas substâncias não lhes causaram qualquer problema ao serem inseridas em seus organismos?

***Neste formato, para ver o vídeo aqui mencionado, acesse o seguinte link no seu navegador:***  
<https://www.dropbox.com/s/iwh2aix4h7jhrqj/Floresta.wmv?dl=0>

Essas perguntas não são apenas incômodas ou desconfortáveis! Elas são irrespondíveis e caracterizam a construção de uma história imaginária apenas para validar o evolucionismo.

**2.** Recentemente, participamos de um debate em Belo Horizonte, onde uma das professoras participantes, a Prof<sup>a</sup> Virgínia Abuhid, da PUC de BH declara que o fator principal a promover a evolução é a seleção natural. Infelizmente, estávamos em um programa de televisão, onde o tempo é sempre muito corrido. Caso contrário, teria pedido à professora o obséquio de informar como um fator da natureza que apenas seleciona caracteres já existentes e, por isso, tem o nome de seleção natural, poderia ser o responsável, por exemplo, pelo surgimento de pernas e pulmões em peixes, transformando-os em anfíbios, por dotar répteis de asas, transformando-os em aves, e assim por diante?

***Para ver o vídeo acima mencionado neste tópico, acesse o seguinte link no seu navegador:***  
[https://www.dropbox.com/s/m57djgmmw2rmef4/Virginia\\_sele%C3%A7%C3%A3o\\_natural.mpg?dl=0](https://www.dropbox.com/s/m57djgmmw2rmef4/Virginia_sele%C3%A7%C3%A3o_natural.mpg?dl=0)

Esse raciocínio é tão primário que nem precisaríamos apresentar alguém de mais peso para confirmá-lo. Veja o depoimento de Roger Lewin sobre a seleção natural em artigo da revista Science:

**"A seleção natural, como característica central do new-darwinismo . . . pode ter um efeito estabilizante, mas não promove a especiação. Ela não é uma força criativa, como muitos têm sugerido"** Science 217:1239-1240,1982.

Na verdade, o que torna mais difícil a discussão acerca das origens é o fato de que muitos evolucionistas estão dispostos a declarar o que não pode ser comprovado e que nem mesmo conta com a anuência de seus colegas mais expressivos do mundo da Ciência.

É curioso, também, que um canal do youtube tenha este vídeo postado como prova da evolução, informando, a quem o visita, que o vídeo é uma verdadeira aula sobre o mecanismo por excelência da evolução. Se esta colocação fizesse sentido, evolucionistas não teriam desconsiderado o mecanismo proposto por Darwin e partido em busca de um fenômeno da natureza capaz de alterar o código genético dos seres vivos.

## **Bloco 8a - continuação**

**3.** Em outro momento do mesmo debate de que participamos na TV Câmara de Belo Horizonte, o apresentador pergunta à Prof<sup>a</sup> Cleusa da Fonseca, se as super-bactérias hoje encontradas nos hospitais são um exemplo de evolução. Sua resposta foi a de que não há dúvida a esse respeito, afirmando que, por força dos remédios que utilizamos para combatê-las, elas teriam se transformado, tornando-se super-resistentes, capazes de causar, nos seres humanos, infecções, por vezes, intratáveis.

**Para ver o vídeo acima mencionado neste tópico, acesse o seguinte link no seu navegador:**  
[https://www.dropbox.com/s/wh1ylsucui3osn/Bacteria\\_Cleusa%20Fonseca.mpg?dl=0](https://www.dropbox.com/s/wh1ylsucui3osn/Bacteria_Cleusa%20Fonseca.mpg?dl=0)

Aqui se pode observar que há, na argumentação evolucionista, uma sinuosa mistura entre fatos que são inequívocos e interpretações concebidas para validar a argumentação evolucionista. Teriam as bactérias praticado algum tipo de ação e, assim, sofrido uma modificação genética que as teria tornado mais resistentes? Mais razoável teria sido entender que os remédios teriam tido o efeito de modificar geneticamente essas bactérias tornando-as mais resistentes. Ainda assim, entretanto, a ideia não teria sido cientificamente viável. Explicamos as razões:

Em primeiro lugar, não há qualquer registro de que os antibióticos sejam substâncias mutagênicas. Eles não alteram o código genético das bactérias. Eles matam as bactérias! Em segundo lugar, pensar que uma substância mutagênica teria o efeito de causar uma única modificação nas bactérias, tornando-as mais resistentes a essas mesmas substâncias é pedir muito do acaso. Estranhamente, não acontece o mesmo conosco, que sempre precisamos desses mesmos medicamento a cada vez que somos invadidos por algum tipo de agressor.

Na verdade, a explicação para as resistentes bactérias que hoje encontramos nos hospitais, dos pernilongos que não parecem mais se incomodar com nossos inseticidas, é bem outra. Como seres vivos que são, eles não são todos iguais e, como nós, uns são mais resistentes do que outros. Al-

guns de nós, por exemplo, podem até morrer ingerindo camarão, enquanto outros não são afetados do mesmo modo.

Por esse motivo a indústria que produz antibióticos e inseticidas tem que dosar esses produtos, não podendo ultrapassar certos limites, caso contrário seriam excessivamente nocivos para os seres humanos. Como resultados, antibióticos não são letais para as bactérias, matando muitas delas mas não todas, não as mais resistentes, que acabam sobrevivendo e se reproduzindo, o mesmo acontecendo com os pernilongos em relação aos inseticidas.

As bactérias mais resistentes, então, se reproduzem mas, como elas carregam os genes da espécie, a nova geração é constituída de bactérias mais e menos sensíveis aos antibióticos. Novamente, morrem as mais sensíveis, enquanto as outras sobrevivem. Com o tempo estaremos diante de uma população de bactérias muito resistentes aos antibióticos.

Agora, vou dar uma dica de uma experiência que a professora aqui citada pode realizar em seu laboratório. Comece com uma população de bactérias comuns e vá administrando doses crescentes de antibiótico até produzir uma população de bactérias muito resistentes. Em seguida, deixe essa população se reproduzir livremente por um tempo adequado e então se poderá observar que a população volta a ser constituída de bactérias comuns, como no início do processo. Esta experiência mostrará que nossa explicação é a correta interpretação dos fatos.

Em tempo - Não será necessário colocar meu nome como coautor do trabalho.

**4.** Para encerrar este capítulo, reportamo-nos a um debate entre o Prof. Mario Cesar Pina, da USP e o Prof. Nahor Neves de Souza Jr, transmitido pelo SescTV. O apresentador, então, pergunta, ao Prof. Mario Cesar, se ele dispõe de exemplos de fatores evolutivos atuando no momento. Sua resposta, mais do que pronta, é um SIM com letras maiúsculas. Dizendo que há muitos exemplos mas que, naquele momento, se lembrava apenas de um, o professor cita um exemplo com salmões no lago Washington, nos Estados Unidos.

Ele disse que, na década de 50, pescadores teriam levado um balde de alevinos de salmões, colhidos em outro lugar, e os soltado no lago Washington. Disse o referido professor que alguns desses alevinos se estabeleceram no rio que alimenta o lago, enquanto outros ficaram no lago, em uma margem adequada para a desova. Depois de todos esses anos, disse o Prof. Mario Cesar que hoje há duas espécies de salmões no lago, ambas originárias daquele balde de alevinos que, segundo ele, eram todos de uma mesma espécie.

***Para ver o vídeo acima mencionado neste tópico, acesse o seguinte link no seu navegador:***  
[https://www.dropbox.com/s/mgmhhcmsmljt5x1/Alevinos\\_Mario\\_Cesar.mpg?dl=0](https://www.dropbox.com/s/mgmhhcmsmljt5x1/Alevinos_Mario_Cesar.mpg?dl=0)

É impressionante observar que, quando uma pessoa quer aceitar um determinado fato, vale qualquer argumentação, até mesmo o absurdo da história contada pelo Prof. Mario Cesar. A pergunta que não quer calar é: o que há de verdade nessa história? Ou melhor, o que há de científico nessa história?

Examine com imparcialidade os questionamentos que apresentamos a seguir:

1. Em primeiro lugar, perguntamos: A história aqui relatada foi parte de algum experimento realizado por cientistas na década de 50? Está nos parecendo história de pescador. São os pescadores que têm o costume de ficar levando peixes de um lugar para outro.
2. Em segundo lugar, quem examinou o balde de alevinos e conduziu experiências de laboratório para se certificar que os alevinos eram todos de uma mesma espécie de salmão?
3. Em terceiro lugar, o lago Washington esteve fechado durante todas essas décadas para impedir que outros pescadores levassem para lá outros baldes de alevinos, possivelmente com outras espécies de salmão?

As respostas a essas três perguntas são iguais: um sonoro **NÃO** com letras maiúsculas que invalida o caráter científico dessa experiência. Está nos parecendo que a única justificativa para este relato em que o professor procura validar a teoria da evolução reside, na verdade, no ateísmo que, durante o debate, ele diz professar.

Esta lista poderia se estender ao infinito mas, repetimos, não é este o nosso propósito nesta série. Nosso objetivo, aqui, é apenas revelar como injusta a acusação dos evolucionistas de que o criacionismo alicerça suas conclusões em argumentações dogmáticas ou teológicas. De passagem, porém, vemos que a teoria da evolução, esta sim, não passa de fantasia da imaginação de homens de ciência, alguns até notáveis em suas áreas de especialidade, mas que, equivocados, pensaram poder explicar o enigma da origem da vida, e de todos os seus desdobramentos, através do naturalismo, uma filosofia abraçada por cientistas em geral mas, curiosamente, sem qualquer respaldo científico.

## Bloco 9

Neste capítulo estaremos abordando a relação entre o criacionismo e a fé cristã.

É interessante observar o comportamento de alguns críticos do criacionismo. Assim que encontram, em um de nossos textos, alguma palavra que pertença ao universo religioso, logo utilizam esse fato para imputar, ao criacionismo, um caráter não científico, dogmático ou religioso. Por esse motivo, fizemos com que este capítulo fosse precedido dos anteriores exatamente para evitar esse tipo de conotação, esse tipo de equívoco.

Outro equívoco que temos observado deriva das palavras aqui já citadas da Prof<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Helena Nader, presidente da SBPC (2013-2015): “**O criacionismo é uma crença . . . não é ciência**”, parecendo insinuar que há uma completa incompatibilidade entre fé e ciência, como muitos cientistas têm feito questão de explicitamente declarar.

Ocorre que a fé é completamente indispensável à nossa existência como seres humanos. É por causa da fé que temos, de que não seremos vítimas de um acidente, que diariamente saímos de nossas casas rumos às nossas atividades. Alguns, porém, não voltam com vida para os seus lares, mas todos vamos à luta crentes de que isso não acontecerá conosco.

Um exemplo real dos nossos dias vem do programa de vacinação de crianças. Na Europa, nos Estados Unidos e na Austrália cresce o número de pais que decidem não vacinar seus filhos contra a poliomielite, sarampo e outras enfermidades. Eles não creem na eficácia das vacinas ou creem que elas são nocivas. Como resultado dessas medidas, segundo a OMS, o Quirguistão, a Bósnia e Herzegovina, a Federação Russa, a Geórgia, a Itália, a Alemanha e o Cazaquistão registraram mais de 22.000 casos de sarampo em 2014 e 2015, para não falar em outras ocorrências.

Não há como dissociar a Fé da Ciência. Na matemática, por exemplo, todo o trabalho está alicerçado em axiomas, que entendemos como verdades não demonstráveis. Não são demonstráveis porque, em matemática, as demonstrações de um fato são feitas a partir de fatos já consolidados. Ocorre que os axiomas são os primeiros da fila e, assim, não há como se produzir uma demonstração a partir de fatos anteriores porque tais fatos não existem.

Apesar disso, nós os consideramos verdades porque ninguém pode negar o valor da matemática, em especial, no desenvolvimento tecnológico, presente em todos os setores da sociedade. Em outras palavras, quem não aceitar esses axiomas como verdades, não poderá fazer matemática.

Agora, é óbvio que todos desejamos depositar a nossa fé em algo que realmente valha a pena. Quem, por exemplo, escolher crer na existência do lobisomem estará perdendo seu tempo porque esse personagem do mundo da ficção inexistente no mundo real. Perdendo seu tempo, porém, pode não ser o mais indicado a ser dito. Quem mantém essa crença talvez não saia de casa em noite de lua cheia e, se um dia sair, e subitamente se assustar com alguma sombra, pode até ter um infarto, de modo que a crença que mantemos, embora distante da realidade, pode não ser uma ação inócua.

Matemáticos, por exemplo, estão bem tranquilos quando aceitam os axiomas da matemática como verdades e com eles trabalham na construção da sua área de especialidade que, como já dis-

semos, tem a sua importância devidamente comprovada. Pais que escolhem vacinar os seus filhos por acreditar na eficácia das vacinas têm visto seus filhos atravessarem a infância com mais tranquilidade. Foi atendendo às recomendações dos programas de vacinação do governo e dos médicos em geral que logramos erradicar, em nosso país, o fantasma de várias enfermidades, como a poliomielite, por exemplo.

Mas vamos à pergunta capital deste capítulo:

## **Bloco 9a - Qual a relação entre o criacionismo e a fé cristã?**

O criacionismo é especialmente importante, não só por extrair da natureza o que ela tem a nos dizer acerca das nossas origens, mas também pela sua relação com a fé cristã que, diga-se de passagem, é uma via de mão única, do criacionismo para esta fé, e não o inverso. Também já dissemos que, em matéria de fé, a escolha acertada daquilo em que devemos crer é fundamental como estratégia para que o objeto da nossa fé tenha uma profunda conexão com a realidade e nosso tempo não seja perdido nesse processo.

Vemos, portanto, que o criacionismo valida a narrativa bíblica da criação, bem como outros textos bíblicos relacionados com as origens. Assim, se o criacionismo partisse do que a Bíblia diz esse efeito não poderia ser sentido. Em consequência, os resultados apresentados pelo criacionismo trazem conforto e alívio aos que professam a fé cristã, incomodados que estavam com as insinuações oriundas da teoria da evolução de que o acaso explica todas as facetas do mundo em que vivemos.

Vamos, agora, falar um pouco a respeito do que pensam os cristãos acerca da história da humanidade, do sentido da vida e do futuro ainda à nossa frente. Será interessante conhecer estas particularidades, não só para termos uma ideia mais precisa a respeito da fé cristã, como também porque este conteúdo, segundo os cristãos, deve interessar a todos os seres humanos, mesmo que você não tenha nenhum comprometimento com o cristianismo.

Segundo o manual da fé cristã, a Bíblia, o mundo foi, originalmente, criado perfeito. O primeiro homem, entretanto, fazendo uso de seu livre arbítrio, desobedeceu o Criador, trazendo o estigma da imperfeição a toda a natureza. Segundo os cristãos, esta é a causa de todas as mazelas que temos observado ao longo da história da humanidade. A mentira que parece latente em nossas crianças, mesmo em tenra idade; o desrespeito tão comum em nossos jovens; a resistência às leis, mesmo àquelas tão fáceis de serem obedecidas, como não falar ao telefone dirigindo ou esperar que um pedestre atravesse a rua em local apropriado; corrupção, roubos, assassinatos, guerras; desastres naturais, como enfermidades, pestes, terremotos, tsunamis, tudo isso teve sua origem naquele primeiro ato de desobediência que nos contaminou a todos.

Segundo os cristãos, apesar de termos trilhado um caminho sem volta com nossos próprios recursos, Deus nos proporcionou uma segunda chance que nos permite novamente vislumbrar a possibilidade de desfrutar do propósito da vida, conforme concebido pelo Criador desde o início dos

tempos. Há, entretanto, algumas condições para que isto seja tornado possível e que enumeramos a seguir:

(a) **Arrependimento.** *“Antes, se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis”* (Luc. 13:3). Essas palavras foram ditas por Jesus que, obviamente, bem sabe quais são as regras do jogo da vida. O reconhecimento de que somos pecadores e o conseqüente arrependimento são partes indispensáveis desse processo, se desejamos mesmo um relacionamento efetivo com o nosso Deus, mas isto é só o começo. O próximo passo é:

(b) **Crer em Jesus.** *“Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá”* (Jo. 11:25), disse Jesus, dando-nos as coordenadas para a vida eterna. Agora, alguém que veio até aqui poderia pensar que Jesus é mesmo uma via de acesso a Deus, mas que pode haver outros caminhos igualmente produtivos. Isto nos leva a um aprofundamento maior dessa realidade, como destacamos a seguir:

(c) **Depender só de Jesus.** *“Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim”* (Jo. 14:6). Em outro ponto, falando a respeito de si mesmo, Jesus também disse: *“Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado”* (Jo. 3:18). Pedro também foi inspirado a nos relatar essa realidade quando, referindo-se a Jesus, disse: *“Em nenhum outro há salvação, pois também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”* (At. 4:12). Agora, alguém que tenha vindo até este ponto poderia pensar que não falta mais nada, que é só chegar até aqui e ponto. E ficar de braços cruzados, mas esta ainda não é toda a verdade. Veja o que vem em seguida:

(d) **Mudança de vida.** *“Arrependei-vos e convertei-vos para que sejam apagados os vossos pecados”* (At. 3:19). Vemos, assim, que é essencial que apresentemos uma mudança de vida para um novo padrão, de acordo com os princípios que Deus tem estabelecido para os seus filhos desde a fundação do mundo. *“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama. E quem me ama será amado do meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei nele”* (Jo. 14:21), disse Jesus.

Foi Jesus mesmo quem disse: *“Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas”* (Jo. 10:11). E foi o que Ele fez, morrendo na cruz do Calvário para que nós fôssemos salvos *“pois o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, em Cristo Jesus Nosso Senhor”* (Rm. 6:23). Nessa nova realidade, não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, pois as primeiras coisas são passadas. . . Quem vencer herdará todas estas coisas e eu serei seu Deus e ele será meu filho” (Ap. 21:4,7).

As coordenadas para essa transformação foram todas aqui mencionadas. Não foi interessante conhecer o ponto de vista do cristianismo para a humanidade em geral? Segundo os cristãos, o que acontece a seguir é responsabilidade pura e simples de cada pessoa que se viu confrontada com essas informações!

## Bloco 10 - Conclusão

Nesta série, tocamos em muitos pontos especialmente importantes. O principal, porém, foi que o criacionismo não faz recurso a argumentos religiosos ou teológicos para suas conclusões e tampouco extrai seus resultados do texto bíblico.

Vimos, também, que cientistas em geral, e a mídia que os acompanha, têm uma ideia muito equivocada do que seja o criacionismo. Esperamos que esta série tenha servido para mudar este cenário. Ressaltamos, aqui, o fato de que não tivemos a intenção de abordar extensamente o conteúdo criacionista, mas apenas o necessário para nossos propósitos aqui explicitados. Para nossa surpresa, vimos que o Design Inteligente também mantém uma ideia equivocada a respeito do criacionismo, a julgar pela referência feita em seu manifesto.

No contexto aqui abordado, o único ponto de concordância com os pronunciamentos da SBPC diz respeito ao arquivamento do projeto de lei do Deputado Federal, Pr. Marco Feliciano, que se encontra tramitando no Congresso Nacional e que visa o ensino do criacionismo nas escolas.

Ocorre que o referido projeto não diz respeito ao ensino do criacionismo nos termos aqui definidos, mas ao ensino de partes da Bíblia, em especial, da narrativa bíblica da criação. Projeto semelhante já havia sido suscitado no Rio de Janeiro, anos atrás, na gestão da governadora Rosinha Garotinho. Seria interessante que políticos se reportassem às organizações criacionistas em busca de uma assessoria especializada para evitar a construção de projetos sobre temas que eles mesmos desconhecem.

Em um dos capítulos desta série também mostramos que é um equívoco de muitos cientistas considerar que um agente externo ao universo seria totalmente não investigável. Esse diagnóstico é, em grande parte, verdadeiro, principalmente se este agente se mantiver a maior parte do tempo fora do nosso alcance ou por não dispormos dos recursos para uma observação direta. Entretanto, se ele interagir com o nosso mundo, suas ações deixariam marcas, rastros que poderiam ser identificados e que seriam a evidência de sua existência, revelando-nos pelo menos uma boa parte de suas características.

Mostramos, ainda, que o passado não é totalmente investigável e que dezenas de relatos apresentados pelos cientistas acerca de momentos críticos da história do universo e da vida, que incluem a origem do universo, da vida, das espécies de seres vivos não passam de mera fantasia da imaginação. A verdade a esse respeito é que o passado pertence mais à História do que à Ciência.

Pelas mesmas razões que apresentamos no tópico anterior, é óbvio que o passado, por ter deixado marcas na natureza, pode ser estudado, investigado. Os fósseis, as formações geológicas são algumas dessas marcas. Há, entretanto, todo um conjunto de particularidades acerca do passado que não pode ser objeto de uma avaliação por parte da Ciência. Isto é verdade não só a respeito do passado mais remoto, como também acerca do passado mais recente. Que experimento científico, por exemplo, poderia nos dizer o que aconteceu de singular na sala ao lado, no momento em que este material estava sendo produzido?

Para encerrar esta série, lançamos o desafio para que você examine de modo mais detido e consciente a massa de informações produzidas pelo criacionismo. Muitos dos que aceitaram esse desafio tornaram-se criacionistas. Alguns deles são cientistas de renome internacional, eram evolucionistas, e hoje advogam o criacionismo como o modelo que realmente explica as origens do universo e da vida.

O desafio está lançado. Agora é a sua vez de se posicionar!

## **Epílogo**

**Como dissemos antes. . .**

**Não há, da parte da ABPC, nenhuma intenção de captação de recursos com este projeto. Por este motivo, esperando contar com sua colaboração no sentido de ter este material distribuído em sua região a professores do primeiro e do segundo grau, bem como a professores universitários, cedemos nossos direitos autorais e autorizamos a duplicação deste material, inclusive para impressão em jornais e revistas, exposição em sites e veiculação através de emails na internet, desde que esta operação seja realizada na íntegra e gratuitamente. Fica vetada toda e qualquer distribuição de capítulos isolados.**

**Para saber se o download nos formatos áudio e vídeo já se encontra disponível, envie um email para [abpc@impacto.org](mailto:abpc@impacto.org). No corpo da mensagem, coloque nome completo, cidade e endereço de email. Em subject ou assunto, coloque a palavra "Resgate – Formatos Especiais". Nós, então, entraremos em contato para lhe dar todas as informações a esse respeito.**

**\* \* \***